

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**LUCIANO DA SILVA FONSECA**

**EDUCAÇÃO FÍSICA COMO INSTRUMENTO TRANSFORMADOR:  
EQUIDADE DE GÊNERO NAS PRÁTICAS ESPORTIVAS ESCOLARES**

**VOLTA REDONDA-RJ**

**2023**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**EDUCAÇÃO FÍSICA COMO INSTRUMENTO TRANSFORMADOR:  
EQUIDADE DE GÊNERO NAS PRÁTICAS ESPORTIVAS ESCOLARES**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Educação física como requisito à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aluno(a):

Luciano da Silva Fonseca

Orientador(a):

Profª. Dra. Ivanete da Rosa Silva de Oliveira

**VOLTA REDONDA-RJ**

**2023**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Aluno(a): Luciano da Silva Fonseca

### **EDUCAÇÃO FÍSICA COMO INSTRUMENTO TRANSFORMADOR: EQUIDADE DE GÊNERO NAS PRÁTICAS ESPORTIVAS ESCOLARES**

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Ivanete da Rosa Silva de Oliveira

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Silvio Henrique Vilela

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Claudio Delunardo Severino

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, a Deus, pois sem Ele não teria tido a capacidade para desenvolvê-lo. Também dedico a minha família, que esteve sempre ao meu lado em todas as etapas deste processo.

## **AGRADECIMENTO**

Meus agradecimentos a minha orientadora, a Professora Ivanete Oliveira, que me apoiou em todas as dificuldades encontradas ao longo deste trabalho. Seus ensinamentos foram fundamentais para o meu crescimento profissional. Também quero agradecer à Professora Daiane Rangel por seus conselhos que contribuíram de maneira significativa para a minha experiência durante o estágio. Por último, quero agradecer aos meus amigos de turma que estiveram sempre ao meu lado nos momentos cruciais. Seu apoio e camaradagem foram fundamentais para o meu sucesso neste trabalho..

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar quais motivos da omissão feminina nas práticas esportivas escolares, bem como entender o porquê elas são tratadas de forma diferente. Para isso, pretende-se discutir a categoria gênero como uma construção histórica e social. A pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico-descritivo, do tipo revisão integrativa. A base de dados investigada como fonte de informação para a pesquisa foi a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), tendo como descritores: Educação Física Escolar e gênero. Foram incluídos na pesquisa artigos científicos publicados de 2012 a 2023, dando preferência aos dados mais atuais. Foi possível identificar a importância de se trabalhar a equidade de gênero que não abrange apenas às mulheres, mas a toda uma sociedade, promovendo o equilíbrio, o desenvolvimento social e a harmonia.

**Palavras-chave:** Educação Física. Escola. Gênero. Práticas Esportivas.

## **ABSTRACT**

The present work aims to analyze the reasons for female omission in school sports, as well as understand why they are treated differently. For this, intends to discuss the gender category as a historical and social construction. The research was carried out using a qualitative, bibliographical-descriptive approach, of the integrative review type. The database investigated as a form of information for the research was the Scientific Electronic Library Online (SciELO) with the following descriptors: School Physical Education and gender. The research included scientific articles published between 2012 and 2023, giving preference to the most up-to-date data. It was possible to identify the importance of working on gender equality, which not only covers women, but an entire society, promoting balance in society, social development and harmony.

**Keywords:** Physical education. School. Gender. Sports Practices.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 Categoria gênero: construção histórica e social.....</b>	<b>11</b>
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>13</b>
<b>3.1 Apresentação dos dados .....</b>	<b>13</b>
<b>3.2 Discussão dos resultados .....</b>	<b>14</b>
<b>3.2.1 Motivação para a omissão de participação nas aulas de educação física escolar .....</b>	<b>15</b>
<b>3.2.2 Tratamento diferenciado por gênero.....</b>	<b>17</b>
<b>3.2.3 Percepção sobre meninos e meninas nas aulas de educação física escolar .....</b>	<b>18</b>
<b>3.2.4 Estratégias para inclusão feminina nas aulas de educação física escolar</b>	<b>20</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>23</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>26</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Tavassi *et al.* (2021), a equidade de gênero é um tema que tem sido abordado há décadas em diferentes contextos históricos. A luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres ganhou maior relevância no século XIX, com movimentos feministas que surgiram em todo o mundo, reivindicando direitos iguais em relação ao salário, educação, saúde e a igualdade perante a lei. Esses movimentos foram fundamentais para a conquista de muitos direitos e avanços significativos na luta pela equidade de gênero.

Entretanto, quando fala-se de práticas esportivas essa disparidade ainda é bastante comum, seja ela no alto rendimento, no lazer, e principalmente, na escola.

[...] apesar das mulheres terem conquistado historicamente muitos direitos e expandido sua participação social, ainda permanece em nossa sociedade uma grande disparidade entre os sexos no que diz respeito à prática de atividades físicas (MALVAR, 2020, p. 12).

A busca pela equidade de gênero no espaço escolar é basilar, essencialmente, porque quando associada ao componente curricular, pode contribuir na luta por estereótipos de gênero e preconceitos que afetam o acesso das mulheres ao esporte.

Como defende Bertucci (2022) em entrevista à Vivescer<sup>1</sup>, a instituição educacional desempenha um papel fundamental na promoção da igualdade de gênero e na superação do sistema patriarcal que perpetua estereótipos prejudiciais para meninas e mulheres. Nesse sentido, a autora afirma que é incumbência da escola explorar temas diversos, fomentar debates e oferecer perspectivas que transcendam a visão do homem branco cisgênero.

Assim sendo tomando por base o que os autores supracitados defendem, ao pensar na Educação Física, entende-se que, para difundir a equidade de gênero nas práticas esportivas, é importante trabalhar com o reconhecimento da diferença das habilidades, dos aspectos biológicos, dos limites e das motivações de meninos e

---

<sup>1</sup> A Vivescer, entidade vinculada ao Instituto Península, prioriza a formação de professores na Educação e Esporte, enfocando a importância desses profissionais para a educação pública. Sua origem na Escola da Toca, com uma abordagem inovadora baseada na natureza e no desenvolvimento integral das crianças, já impactou mais de cem alunos e recebeu reconhecimento do Ministério da Educação, como também é reconhecida internacionalmente como uma das escolas mais inovadoras do mundo.

meninas. Desse modo, o docente ao buscar desenvolver atividades que sejam inclusivas, estimulará a participação equitativa de todos.

Cada vez mais se torna habitual deparar-se com uma aula de Educação Física e perceber alguns detalhes importantes que rodeiam a prática esportiva escolar. Se faz necessário um olhar mais atento a questões como a prática feminina nas aulas de Educação Física, em que a falta de interesse das meninas, na maioria das vezes, fica evidente durante as aulas (MARTINS, 2017; MALVAR, 2020). Entender o porquê dessas situações mostra-se relevante quando o assunto é escola. Geralmente, essa falta é associada ao interesse ou a questões como constrangimento relacionado à roupa e ao corpo. Segundo Altmann (2015, p. 34), “[...] Sobressai-se, em muitos momentos uma exploração estética do corpo da mulher constituído como objeto de admiração masculina”. No entanto, vai muito além disso, pois trata-se de vários fatores importantes de serem discutidos.

Um deles é a dominância masculina nas práticas esportivas, sempre motivada pelas sociedades e escondida pela mídia, pois cada vez mais o homem se apropria dessas práticas, refletindo o aumento do chamado sexismo exacerbado (PAZ; MAIA, 2011; FURLAN; SANTOS, 2008).

Ademais,

[...] sempre vi na denominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas (BOURDIEU, 2002, p. 3).

Essa característica pode ser vista no cotidiano escolar, com exclusões por parte dos meninos, seja na prática ou em competições esportivas. Preconceitos estes recorrentes nas aulas de Educação Física, direcionados às dificuldades encontradas pelas meninas nas práticas esportivas, estereotipagens impostas pela sociedade e negativamente influenciadas pela mídia, sendo assim, segundo Malvar (2020, p. 13): “[...] negado às meninas um maior conhecimento e fruição das práticas da cultura corporal de movimento, gerando nelas um sentimento de não pertencimento às aulas de Educação Física Escolar [...]”.

Preconceitos, como a ideia de que futebol é coisa de menino e dança é coisa de menina, demonstram o quão seletiva a sociedade pode ser ao limitar as práticas com base em questões de gênero. Nesse sentido, Furlan (2008, p. 33)

ressalta: “[...] as meninas foram tidas como seres frágeis e dóceis, e os meninos de força, dominação e poder, marcas que reiteram a diferença de gênero”. Diante disso, é necessário que os professores busquem equidade nas aulas, oferecendo aos alunos o que eles realmente precisam, levando em consideração suas dificuldades individuais. Isso vai além da igualdade, que busca oferecer as mesmas oportunidades a todos os alunos, independentemente do gênero. Assim, é necessário compreender os motivos por trás das omissões femininas na prática esportiva escolar e porque elas são tratadas de forma diferente.

Parte-se de algumas hipóteses, como a estereotipação de gênero, que, na maioria das vezes, resulta do ambiente em que as meninas vivem, onde são encorajadas a se comportarem de acordo com os padrões considerados femininos, o que inclui evitar atividades físicas. Além disso, a pressão social pode fazer com que as meninas sintam que não se encaixam nos padrões impostos pelos meninos nas aulas de Educação Física. Também pode haver falta de estímulo por parte da instituição ou até mesmo do professor. Esses fatores contribuem para as diferenças de participação e envolvimento das meninas na prática esportiva escolar.

O presente estudo tem como objetivo analisar a razão pela qual as meninas se omitem nas aulas de Educação Física, levando em consideração o fato de receberem tratamentos desiguais ou inferiores em relação aos meninos nas práticas esportivas escolares. Para tal, discute-se o papel da Educação Física como instrumento transformador para buscar a equidade de gênero nas práticas esportivas escolares. Com esse propósito, pretende-se: compreender as implicações da Educação Física escolar como um espaço de inclusão para as questões de gênero; analisar a categoria gênero como uma construção histórica e social; propor estratégias para promover a participação das meninas nas práticas esportivas escolares.

Dessa forma, o estudo visa aprofundar o entendimento sobre a omissão das meninas na Educação Física e encontrar maneiras de superar as desigualdades de gênero nesse contexto, promovendo a participação plena e igualitária de todos os estudantes.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 Categoria gênero: construção histórica e social

Ao discutirmos a categoria gênero, vários fatores se tornam relevantes para a compreensão dessa construção histórica e social, principalmente a luta feminina em busca do respeito, da independência e da equidade. Nesse contexto, é essencial explorar as contribuições de três autores que cooperam com investigações e reflexões sobre essa temática, que são: Altmann (2015), Scott (2017) e Bourdieu (2022).

Altmann (2015), ao analisar como esse processo se dá socialmente, ressalta que desde a infância, os corpos de meninos e meninas são educados de forma distinta, evidenciando a influência da sociedade na construção das identidades de gênero. A autora destaca como o conceito de "gênero" se tornou fundamental para entender as construções culturais, enfatizando que ele representa a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres.

Scott (2017), por sua vez, aprofunda essa discussão, enfatizando que o termo "gênero" se tornou uma ferramenta útil para distinguir a prática sexual das normas e papéis sexuais atribuídos socialmente. A autora também ressalta a complexa relação entre a sociedade e as estruturas psíquicas, ressaltando a necessidade de compreender esse vínculo.

Bourdieu (2002), por seu turno, destaca que as sociedades utilizam o conceito de gênero para articular regras de relações sociais e construir significados para a experiência. Ele enfatiza que a construção de gênero, raça e classe não é unilateral, sendo resultado de interações complexas. O autor ainda explica que a escola desempenha um papel fundamental na formação da identidade de gênero, influenciando a divisão de espaços, a vestimenta e outras práticas que "educam" os sujeitos de maneira implícita ou explícita.

Scott (2017) corrobora ao destacar que as escolas estão preocupadas em entender como a identidade de gênero é formada desde as primeiras etapas do desenvolvimento da criança. Ela argumenta que o gênero é mais do que uma identidade aprendida e que as instituições sociais, incluindo a escola, expressam as relações sociais de gênero.

Nesse sentido, a escola, como espaço privilegiado de interações e relações sociais, precisa ser analisada sob o prisma apontado por Altmann (2015), que observa

que o gênero também desempenha um papel significativo no espaço educacional, principalmente nas aulas de Educação Física. A autora destaca que o gênero é um marcador social de diferenças que afetam as habilidades e oportunidades esportivas. A educação, muitas vezes, limita o aprendizado das meninas devido à adoção de técnicas de treinamento inadequadas e à construção de fronteiras entre meninos e meninas.

No entanto, essa construção social da categoria gênero também é dotada de ações de resistência. Altmann (2015) destaca que as mulheres têm desafiado convenções e legislações que as subjugam, rejeitando a percepção de seus corpos como menos capazes. A inserção das mulheres no meio esportivo, por exemplo, representa um desafio ao domínio masculino.

Scott (2017) argumenta que a história do gênero é marcada por mudanças e resistência, sugerindo que o gênero deve ser redefinido em conjunto com uma visão de igualdade política e social que inclua não apenas o sexo, mas também a classe e a raça.

Bourdieu (2002) destaca a importância de uma mobilização política orientada para a reforma jurídica e política como uma forma de resistência contra as forças históricas que desvalorizam a história das mulheres e perpetuam estereótipos de gênero.

Em suma, a categoria gênero é uma construção histórica e social profundamente enraizada na sociedade, na escola e nas ações de resistência. A compreensão dessas dimensões é essencial para promover a igualdade de gênero, bem como para a emancipação das mulheres em busca de seus direitos e reconhecimento pleno na sociedade.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Apresentação dos dados**

A pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico-descritivo, do tipo revisão integrativa, que surge como uma metodologia que fornece o processo de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos na prática (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). Nesse sentido, a abordagem qualitativa, segundo Martins (2004), versa sobre um trabalho que se utiliza a intuição, a experiência e a imaginação. Para esse fim, foram utilizados os seguintes descritores de forma isolada e associada: educação física, escola, gênero e práticas esportivas.

A base de dados utilizada como fonte de investigação para a pesquisa foi a Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando-se artigos científicos publicados entre 2012 e 2023, em língua portuguesa, dando preferência aos mais atuais. Para a coleta de dados foi elaborado um roteiro semiestruturado, contendo dados de identificação do autor e ano de publicação, título da obra e trechos dos artigos que se associassem às questões problemas do artigo. A coleta de dados ocorreu no período de junho e julho de 2023, por meio do estudo bibliográfico, que segundo Souza, Oliveira e Alves (2021), é caracterizado como revisão integrativa, cuja finalidade é aprimorar e atualizar o conhecimento por meio de obras científicas já existentes.

Após a identificação na literatura, foram analisados detalhadamente os textos disponibilizados, que apresentassem foco na temática pesquisada e na íntegra, sendo aplicados os critérios de exclusão, os artigos que fugissem aos conceitos estabelecidos ou ao tema abordado, bem como artigos antigos, apesar dos descritores.

Inicialmente, a busca contou com 23 artigos disponibilizados, o que, após a leitura do resumo das publicações permaneceram 16. Destes, dez atenderam plenamente aos requisitos para fazer parte do corpo da pesquisa, alinhados às questões problemas e aos objetivos da pesquisa.

Previamente, foi elaborada somente uma categoria: Motivação para a omissão de participação nas aulas de educação física escolar. Após os estudos, foram encontradas mais três diferentes categorias de análise (2, 3 e 4) para composição do

trabalho (quadro 1), aprofundando cada uma em assuntos relevantes para a pesquisa, sendo elas: Tratamento diferenciado por gênero; Percepção sobre meninos e meninas nas aulas de educação física escolar; e Estratégias para inclusão feminina nas aulas de educação física escolar.

Quadro 1- Categorias de análise.

Categorias
(1) Motivação para a omissão de participação nas aulas de educação física escolar
(2) Tratamento diferenciado por gênero
(3) Percepção sobre meninos e meninas nas aulas de educação física escolar
(4) Estratégias para inclusão feminina nas aulas de educação física escolar

Fonte: Do autor, 2023.

### 3.2 Discussão dos resultados

Ao explorar as categorias identificadas neste estudo de revisão integrativa, vale destacar que entendemos que a primeira categoria, "Motivação para a omissão de participação nas aulas de educação física escolar", revela a existência de um cenário no qual a eliminação da participação das meninas nas aulas de Educação Física escolar, por vezes levando à eliminação e ao desprezo, tem repercussões que transcendem as fronteiras da sala de aula de Educação Física, afetando a participação social em outras esferas.

A segunda categoria, "Tratamento diferenciado por gênero", aborda diferenças que não se limitam apenas às questões de gênero, mas que estão intrinsecamente ligadas a uma complexa interação de fatores sociais e culturais, influenciando diversas situações.

A terceira categoria, "Percepção sobre meninos e meninas nas aulas de educação física escolar", descreve a manifestação de comportamentos e atitudes distintos com base na percepção dos autores sobre as categorias de meninos e meninas, revelando como cada gênero enfrenta desafios únicos durante as aulas de Educação Física.

Por fim, a quarta categoria a ser discutida, "Estratégias para inclusão feminina nas aulas de educação física escolar", engloba as ferramentas e abordagens identificadas durante a revisão integrativa que têm o potencial de promover uma

participação equitativa de todos os estudantes, independentemente do gênero. A análise desta categoria será fundamental para entender como as escolas e os educadores podem tomar medidas concretas para eliminar as barreiras de gênero nas práticas esportivas escolares, contribuindo assim, para a criação de um ambiente inclusivo e igualitário.

Essas categorias fornecem uma base sólida para a análise dos resultados e a compreensão mais profunda das dinâmicas presentes nas práticas esportivas escolares em relação ao gênero.

### **3.2.1 Motivação para a omissão de participação nas aulas de Educação Física escolar**

Ao discutir a primeira categoria, denominada motivo de omissão na participação (quadro 2), autores abordam a questão da omissão feminina nas aulas de Educação Física e a diferença de tratamento entre meninos e meninas (AUAD; CORSINO, 2018; BRITO; SANTOS, 2013; DORNELLES, 2012; MORAES; DIAS; OLIVEIRA, 2023; SILVA, 2021; UCHOGA; ALTMANN, 2015).

Moraes, Dias e Oliveira (2023) destacam que a exclusão das meninas do jogo ocorre na quadra poliesportiva, lugar que se torna um espaço reservado para a expressão da virilidade e construção da masculinidade. A falta de estímulos motores para as meninas, resultante de fatores culturais, também é apontada pelos autores como um motivo para sua exclusão nas aulas. Os autores ainda reforçam que

[...] da mesma forma que existem os espaços voltados para práticas consideradas masculinas, os quais os meninos dominam, como a quadra, existem também espaços reservados para práticas consideradas femininas, como palcos e salas de dança, que são dominadas pelas meninas. Essa posse de espaços e sua generificação contribui para uma formação incompleta e limitada dessas crianças e adolescentes, na qual meninos e meninas possuem experiências corporais completamente diferentes (MORAES; DIAS; OLIVEIRA, 2023, p.14).

Moraes, Dias e Oliveira (2023) convergem com Silva (2021), ao relatarem que, por possuir uma menor habilidade, meninas são excluídas, e acabam por ter uma menor fruição das aulas, colocando-as em desvantagem na Educação Física, reforçando ainda mais questões sociais que impõem os garotos como livres nas aulas, e as garotas, privadas.

Seguindo na mesma linha, Garcia e Brito (2019) observam que as meninas

são constrangidas e intimidadas pelos colegas nas atividades de aula, resultando em exclusão primária. Além disso, a participação das meninas nas atividades é, muitas vezes, coadjuvante e não efetiva, o que impede que alcancem os objetivos propostos (UCHOGA; ALTMANN, 2015).

Outra problemática encontrada foi a questão de desempenho, em que:

Embora não amparadas por lei, elas ocorrem a partir de concepções generalizadas de corpo e habilidades físicas, que colocam e consideram discursivamente as meninas como menos hábeis quando comparadas com os meninos (UCHOGA; ALTMANN, 2015, p. 169).

A diferença de desempenho motor das meninas é destacada por Brito e Santos (2013) como um problema que enfrentam nas aulas de Educação Física, resultando em situações de exclusão.

Ou seja, por possuir menor histórico corporal na prática e experiências reduzidas no passado, meninas carregam um menor retrospecto motor em relação aos meninos, mas outros fatores também influenciam, como a cultura da sociedade em que estão ambientados por difundir padrões previamente estabelecidos e também pela intimidação dos meninos por se sentirem ameaçados em relação à sua masculinidade na prática.

Quadro 2 – Omissão feminina nas aulas de Educação Física.

Qual motivo da omissão feminina?	Autores/Ano/Título
[...] a quadra poliesportiva, por exemplo, [...] transforma-se em um campo reservado para expressão da virilidade e para a construção das masculinidades, o que provoca a exclusão das meninas do jogo (p. 9).  [...] a exclusão das meninas nas aulas acontece devido a uma menor habilidade, já que, por fatores culturais, as meninas têm menos estímulos motores quando comparadas aos meninos (p. 12).	MORAES; DIAS; OLIVEIRA (2023). As narrativas de gênero na educação física Escolar: Scoping Review da literatura científica brasileira nas ciências da saúde.
[...] as diferentes experiências de corporeidade entre rapazes e moças, delimitadas pelas regras sociais, impõem aos garotos a “liberdade” e às garotas “privação” e colocam-nas em desvantagem em aulas de Educação Física (p. 348).	SILVA (2021). Condição juvenil, desigualdade de gênero e processos de exclusão nas aulas de educação física Escolar.
[...] estão presentes em matéria/corpo, mas não participam ativamente das tarefas, o quando tentam são constrangidos(as) e intimidados(as) pelos(as) colegas, o que denuncia um processo de exclusão primária [...] (p. 1330).	GARCIA; BRITO (2019). Performatizações Queer na Educação Física escolar.
[...] os meninos não deixariam as meninas jogarem por se sentirem inseguros com a presença dela e sua possibilidade de vitória” (p. 7).	AUAD; CORSINO (2018). Feminismo, interseccionalidades e consubstancialidade na Educação Física Escolar.
[...] durante a execução do jogo, comecei a contar o número De vezes em que meninos e meninas arremessavam a bola, já que, durante a dinâmica, percebi que os meninos de cada Equipe eram os que ficavam	UCHOGA; ALTMANN (2015). Educação física escolar e relações de gênero:

<p>à frente do campo de jogo, usavam as mãos para se defender e obter a posse de bola. Ao obtê-la, passavam-na para algumas meninas que, após fazerem o número mínimo de passes estabelecidos, voltavam para eles, para que assim fosse arremessada[...], [...] isso não quer dizer que eles arremessavam melhor do que o restante de todas as meninas de cada equipe, mas Sim que as meninas deixavam que eles arremessassem por acreditar que eles seriam melhores do que elas (p. 165-166).</p> <p>[...] a maneira como as meninas participavam das Atividades de aula também eram secundárias, coadjuvantes E não efetivas, não permitia que muitas delas atingissem os Objetivos propostos[...] (p. 167).</p> <p>[...] embora não amparadas por lei, elas ocorrem a partir de concepções generalizadas de corpo e habilidades físicas, que colocam e consideram discursivamente as meninas como menos hábeis quando comparadas com os meninos (p. 169).</p>	<p>Diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula.</p>
<p>[...] as pesquisas, de uma forma geral, apontam para a diferença de desempenho motor das meninas nos esportes, como o grande problema enfrentado pelas mesmas na aula conjunto com os meninos, gerando situações de exclusão (p. 235).</p>	<p>BRITO; SANTOS (2013). Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão.</p>

Fonte: Do autor, 2023.

### 3.2.2 Tratamento diferenciado por gênero

A escola é considerada um reflexo da sociedade, em que as crianças são expostas a reforços culturais presentes na sociedade, que podem levar à exclusão automática das meninas devido ao seu gênero. Moraes, Dias e Oliveira (2023), em concordância com Silva (2021), dizem que as diferentes experiências entre rapazes e moças, delimitadas pelas regras sociais, impõem aos garotos a “liberdade” e às garotas “privação” e colocam-nas em desvantagem durante as aulas.

A influência cultural e a desvalorização das mulheres no esporte são abordadas por Auad e Corsino (2018), que destacam que o esporte é visto como uma prática em que a masculinidade é valorizada e a feminilidade, desvalorizada. Essa valorização está muito associada ao destaque em exercer papéis decisivos nas jogadas, que geralmente estão atrelados ao gênero masculino (UCHOGA; ALTMANN, 2015). Ou também, segundo Silva (2021, p. 347), “a diferença biológica entre sexos, referenciada pela diferença anatômica entre órgãos sexuais, tem sido utilizada como justificativa natural da distinção socialmente construída entre gêneros”.

Reforçando que esse tratamento pode ser um reflexo da sociedade ali atrelada, em que culturalmente já estão presentes esses padrões de ideal, ao nascer, a criança já é incentivada pelo seu gênero, ou seja, meninos a serem livres e meninas a serem privadas em relação às práticas esportivas, como mostra o Quadro 3.

Quadro 3 – Tratamento diferenciado por gênero.

Por que elas são tratadas diferentes?	Autores/Ano/Título
<p>[...] essa suposta superioridade masculina se construiu culturalmente, respaldada nas diferentes formas que meninos e meninas são educados; com isso, cada gênero acabou por desenvolver habilidades específicas (p. 12).</p> <p>[...] a escola é um reflexo da sociedade e uma de suas principais instituições, já que é responsável pela formação dos sujeitos, as crianças estão submetidas a um reforço da cultura presente na sociedade (p. 13).</p> <p>[...] na qual meninas, que na maioria das vezes são automaticamente excluídas pelo seu gênero[...] (p. 15).</p>	MORAES; DIAS; OLIVEIRA (2023). As narrativas de gênero na educação física Escolar: Scoping Review da literatura científica brasileira nas ciências da saúde.
[...] a diferença biológica entre sexos, referenciada pela diferença anatômica entre órgãos sexuais, tem sido utilizada como justificativa natural da distinção socialmente construída entre gêneros (p. 347).	SILVA (2021). Condição juvenil, desigualdade de gênero e processos de exclusão nas aulas de educação física Escolar.
[...] culturalmente, o esporte tem se apresentado como uma prática onde a masculinidade se comprova, na qual se aprende a valorizar o homem e desvalorizar a mulher (p. 6).	AUAD; CORSINO (2018). Feminismo, interseccionalidades e consubstancialidade na Educação Física Escolar.

Fonte: Do autor, 2023.

### 3.2.3 Percepção sobre meninos e meninas nas aulas de educação física escolar

A influência cultural na construção de habilidades específicas para cada gênero é mencionada por Moraes, Dias e Oliveira (2023) e Furlan (2008), destacando que as meninas são educadas para serem emocionais e sentimentais, enquanto os meninos são incentivados a serem superiores, agressivos e viris. Silva (2021) aborda outro fator determinante: a diferença entre sexos, que relacionada à diferença anatômica entre órgãos sexuais, tem sido utilizada como justificativa para distinção socialmente construída entre gêneros. Essas construções culturais acabam reforçando a diferença de tratamento entre meninos e meninas nas práticas esportivas escolares.

A influência da percepção de superioridade masculina na prática esportiva também é mencionada por Silva (2021) e Dornelles (2012), que destacam que os meninos são vistos como mais corajosos e respondem melhor aos treinamentos. Isso cria uma lógica em que o masculino é considerado o padrão ideal, vivificando a ideia de superioridade masculina sobre as mulheres, restando às mesmas aceitar sua

fragilidade nas aulas, aceitando que estão aquém desse padrão desejado.

Kleinubing, Saraiva e Francisch (2013) abordam estereótipos de gênero e movimento na dança no ensino médio, destacando a influência da construção social do gênero nessa prática.

Outra informação importante a se destacar é que

[...] meninas assumiam uma posição secundária (nas aulas de Educação Física) em todas as execuções praticadas e, quando se exigia um conhecimento novo, elas nem tentavam realizar; já os meninos davam seu melhor potencial, mesmo em atividades pouco corriqueiras para eles, como a ginástica rítmica (SILVA, 2021, p. 347).

A temática abordada no Quadro 4 reforça a ideia de que até mesmo em práticas não confortáveis para os meninos eles se esforçavam para produzir o máximo, enquanto as meninas não gostavam nem da experimentação dessas práticas.

Essas categorias de estudo, autores, citações e possíveis contradições revelam a complexidade do tema, explorando as influências culturais, estereótipos de gênero e a diferença de tratamento para meninos e meninas nas aulas de Educação Física.

Quadro 4 – Percepções sobre meninos e meninas.

Percepção sobre o comportamento de meninos e meninas	Autores/Ano/Título
<p>[...] os meninos são educados para serem superiores e as meninas para serem emocionais e sentimentais” (p. 9).</p> <p>[...] meninas devem ser comedidas, puras, recatadas e doces, enquanto os meninos devem se mostrar agressivos, competitivos e viris (p. 9).</p> <p>[...] meninas consideradas masculinas eram bem mais aceitas do que meninos com características femininas (p. 10).</p> <p>[...] ao nascer já são designados como menino ou menina e, quando crescem, precisam confirmar uma identidade que lhe foi imposta (p. 13).</p>	<p>MORAES; DIAS; OLIVEIRA (2023). As narrativas de gênero na educação física Escolar: Scoping Review da literatura científica brasileira nas ciências da saúde.</p>
<p>[...] meninas assumiam uma posição secundária (nas aulas de Educação Física) em todas as execuções praticadas e, quando se exigia um conhecimento novo, elas nem tentavam realizar; já os meninos davam seu melhor potencial, mesmo em atividades pouco corriqueiras para eles, como a ginástica rítmica (p. 347).</p> <p>[...] o estímulo à independência dos meninos reforça uma ideia de superioridade dos homens sobre as mulheres, restando a elas a</p>	<p>SILVA (2021). Condição juvenil, desigualdade de gênero e processos de exclusão nas aulas de educação física Escolar.</p>

aceitação de sua condição de fragilidade (p. 348).	
[...] meninos são mais corajosos e respondem bem aos treinamentos. [...] a lógica que se estabelece é a do masculino como regra, norma, padrão, ou seja, como representação ideal de aluno/a nessa disciplina. As meninas não atingem esse padrão, elas estão antes, aquém do desejado (p. 195).	DORNELLES (2012). Do corpo que distingue meninos e meninas na Educação Física Escolar.
[...] denunciado como masculino e feminino são construções culturais de uma suposta coerência heterossexual (p. 1330).	GARCIA; BRITO (2019). Performatizações Queer na Educação Física escolar.
[...] ao abordar meninas e mulheres no esporte, especialmente no futebol, considerada que, em jogos mistos, os meninos se sentem ameaçados e não desafiados, pelas meninas, como se serem vendidos por elas ameaçasse sua masculinidade. Helena Altmann (1998) (p. 6-7).	AUAD; CORSINO (2018). Feminismo, interseccionalidades e consubstancialidade na Educação Física Escolar.
[...] se destacar e exercer papéis decisivos nas jogadas, está mais atrelado ao gênero masculino do que ao feminino (p. 167).	UCHOGA; ALTMANN (2015). Educação física escolar e relações de gênero: Diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula.

Fonte: Do autor, 2023.

### 3.2.4 Estratégias para inclusão feminina nas aulas de educação física escolar

Como última categoria (Quadro 5), Aguiar e Oliveira (2022) abordam inúmeras maneiras para promover a inclusão a partir de diferentes instrumentos. Uma delas é a problematização acerca das diferenças entre homens e mulheres no que tange a múltiplos contextos, como questões sociais, culturais e políticas, que são fundamentadas a partir da Educação Física Escolar. Outra ferramenta proposta por elas é a questão das práticas corporais que auxiliem na promoção da prática equitativa de todos os alunos.

Segundo Aguiar e Oliveira (2022), a criação de espaços para discussão sobre temas relacionados a gênero pode ser uma opção para difundir estratégias que possibilitem a problematização da identidade feminina e masculina, para que estes busquem um maior conhecimento do próprio corpo e possam criar objetivos para a superação do preconceito, além de desarticular a maior participação masculina nas práticas, para que assim, permitir uma maior participação feminina, e também desmitificar o machismo socialmente construído em torno dessas práticas, bem como adotar atitudes contra o absenteísmo nas aulas.

A compreensão dessas questões é fundamental para buscar estratégias

que promovam a equidade de gênero e a inclusão das meninas nas práticas esportivas escolares, seja por meio de discussões, problematizações ou até mesmo com práticas que prevaleçam a equidade, como jogos cooperativos e também trabalho em equipe.

Quadro 5 – Estratégias para inclusão

Estratégias para inclusão	Autores/Ano/Título
<p>[...] apropriação consciente de matrizes teóricas da Educação Física que fundamentem a práxis docente e possibilite a problematização acerca da disparidade existente entre homens e mulheres, no que tange aos aspectos sociais, políticos, culturais – que envolvam o currículo de Educação Física (p. 29).</p> <p>[...] promoção de práticas corpóreas que fomente a participação equitativa de meninos e meninas, de modo que a abordagem seja atrativa para discentes de ambos os sexos (p. 29).</p> <p>[...] criação de espaços de discussão sobre a temática gênero por meio de aulas que utilizem como estratégia a proposta pedagógica coeducativa, possibilitando, dessa forma a problematização acerca da identidade feminina e masculina, com foco na superação de preconceitos (p. 29).</p> <p>[...] elaboração de estratégias que desarticule a naturalização de maior participação e desempenho masculino nas aulas de Educação Física, visando a necessidade de desmistificar o machismo que por muito tempo vem limitando as mulheres na sociedade (p. 29).</p> <p>[...] adoção de atitudes que descure práticas de permissividade frente ao absenteísmo nas aulas de Educação Física (p. 29).</p>	<p>AGUIAR; OLIVEIRA (2022). Absenteísmo nas aulas de Educação Física Escolar: análise da participação feminina.</p>

Fonte: Do autor, 2023.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão integrativa realizada neste artigo proporcionou uma análise considerável sobre a questão da equidade de gênero nas práticas esportivas escolares, revelando uma série de desafios e complexidades. Desse modo, ao analisar a equidade de gênero nas práticas esportivas, seja ela escolar, alto rendimento ou lazer, ainda é bastante comum presenciar cenas de exclusão feminina.

Ao longo do estudo, foi possível explorar quatro categorias essenciais que destacaram aspectos significativos dessa problemática: "Motivação para a omissão de participação nas aulas de educação física escolar", "Tratamento diferenciado por gênero", "Percepção sobre meninos e meninas nas aulas de educação física escolar" e "Estratégias para inclusão feminina nas aulas de educação física escolar".

A categoria "Motivação para a omissão de participação nas aulas de educação física escolar" evidenciou que as meninas frequentemente enfrentam exclusão e desinteresse nessas aulas. Isso pode ser atribuído a uma série de fatores, incluindo estereótipos de gênero, pressão social, falta de estímulo e diferenças percebidas de desempenho. Esses fatores contribuem para a disparidade de participação entre meninos e meninas. Espera-se que o professor reconheça essas características e busque uma participação equitativa nas aulas de Educação Física, promovendo o respeito mútuo, dando as devidas oportunidades de acordo com a dificuldade do estudante e eliminando estereótipos de gênero nas aulas.

A categoria "Tratamento diferenciado por gênero" ressaltou como as expectativas e estereótipos de gênero impostos pela sociedade resultam na desvalorização das mulheres no contexto esportivo, enquanto os homens são frequentemente encorajados a assumirem papéis de liderança e dominância. Isso perpetua a ideia de que o esporte é um território masculino, enquanto as meninas são relegadas a posições secundárias.

A categoria "Percepção sobre meninos e meninas nas aulas de educação física escolar" destacou como a percepção de superioridade masculina nas práticas esportivas pode afetar a participação e o desempenho das meninas. Os estereótipos de gênero e a falta de estímulo adequado contribuem para que as meninas sejam vistas como menos capazes, o que prejudica sua experiência na Educação Física.

Por fim, a categoria "Estratégias para inclusão feminina nas aulas de educação física escolar" apontou caminhos para promover a participação equitativa de todos os estudantes, independentemente do gênero. Essas estratégias incluem a problematização das diferenças de gênero, a promoção de práticas corporais

inclusivas e a criação de espaços para discussão e conscientização sobre questões de gênero.

Ao explorar a questão gênero, constatou-se que essa construção social é desenvolvida desde a infância, em que os corpos são educados de maneiras diferentes, seguindo padrões socialmente impostos, o que resulta em práticas pré-estabelecidas para meninos e meninas, refletindo casos de exclusividades de esportes.

Casos como falta de incentivo e estímulos a meninas nas aulas são fatores que favorecem a exclusão feminina. Em contrapartida, para os meninos, o espaço da aula torna-se um momento de mostrar sua virilidade, habilidade e liderança, acabando por afastar ainda mais as meninas das aulas de Educação Física, por se sentirem ameaçadas ou aquém das aulas.

Portanto, é necessário compreender essas questões para buscar estratégias que promovam a equidade de gênero e a inclusão das meninas nas aulas de Educação Física. Tais estratégias podem ser efetivadas por meio de discussões e problematizações que tenham como tema gerador as práticas esportivas que permitam a participação equitativa de ambos os gêneros.

Constatou-se, por fim, que a equidade de gênero nas práticas esportivas escolares é um desafio complexo, enraizado em normas culturais e sociais profundamente arraigadas. No entanto, também foi possível destacar a importância de o docente reconhecer essas questões e buscar estratégias para superar as barreiras de gênero nas aulas de Educação Física. Promover a inclusão das meninas nesse contexto não apenas beneficia individualmente as estudantes, como também contribui para uma sociedade mais igualitária e justa, em que todos têm a oportunidade de participar plenamente das atividades esportivas escolares.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALTMANN, Helena. **Educação Física Escolar: Relações de gênero em jogo**, 2015

ALTMANN, Helena; FERNANDES, Simone Cecília. A Educação Esportiva de Meninas na Escola Pública: Contornos Socioculturais. **XIX Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte, VI Congresso Internacional de Ciência do Esporte**, 2015. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/viewFile/7667/3641>. Acesso em: 13 fev. 2023.

AGUIAR, Sara Conceição; OLIVEIRA, Ivanete da Rosa Silva. Absenteísmo nas aulas de educação física escolar: análise da participação feminina. **Congresso Brasileiro de Ciências e Saberes Multidisciplinares**, [S. l.], p. 1–11, 2022. Disponível em: <https://conferenciasunifoa.emnuvens.com.br/tc/article/view/24>. Acesso em: 26 fev. 2023.

AUAD, Daniela e CORSINO, Luciano. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar. **Revista Estudos Feministas [online]**. 2018, v. 26, n. 1. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n142585>. Acesso em: 2 jul. 2023.

BERTUCCI, Mayra. Educação para equidade de gênero deve começar cedo e envolver famílias e comunidade escolar. Entrevista. **Vivescer**, 2022. Disponível em: <https://vivescer.org.br/equidade-de-genero-escola/>. Acesso em: 2 abr. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A denominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRITO, Leandro Teófilo e SANTOS, Mônica Pereira dos. Masculinidades na Educação Física Escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte [online]**. 2013, v. 27, n. 2, pp. 235-246. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013000200008>. Acesso em: 2 jul. 2023.

DORNELLES, Priscila Gomes. Do corpo que distingue meninos e meninas na Educação Física Escolar. **Cadernos CEDES [online]**. 2012, v. 32, n. 87, pp. 187-198. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622012000200005>. Acesso em: 2 jul. 2023.

DORNELLES, Priscila Gomes e DAL'LGNA, Maria Cláudia. Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar. **Educação e Pesquisa [online]**. 2015, v. 4, pp. 1585-1599. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201508142508>. Acesso em: 3 jul. 2023.

FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa de. **Futebol Feminino e as Barreiras Do Sexismo nas Escolas: reflexões Acerca da invisibilidade**. N. 30, p. 28-43, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2008n30p28>. Acesso em: 5 mai. 2023.

GARCIA, Rafael Marques e BRITO, Leandro Teofilo de. Performatizações Queer na Educação Física Escolar. **Movimento [online]**. 2018, v. 24, n. 4, pp. 1321-1334.

Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.82502>. Acesso em: 2 jul. 2023.

JACÓ, Juliana. **Participação nas aulas: Pensando a Educação Física Escolar sob a perspectiva de gênero**. 2012. Disponível em: [https://www.gpfe.fe.usp.br/semef2012/mesa\\_Juliana\\_Fagundes\\_Jaco.pdf](https://www.gpfe.fe.usp.br/semef2012/mesa_Juliana_Fagundes_Jaco.pdf). Acesso em: 13 fev. 2023.

KLEINUBING, Neusa Dendena, SARAIVA, Maria do Carmo e FRANCISCHI, Vanessa Gertrudes. A dança no Ensino Médio: reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento. **Revista da Educação Física / UEM [online]**. 2013, v. 24, n. 1, pp. 71-82. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v24.1.15459>. Acesso em: 2 jul. 2023.

LOURO, G. L. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71722>. Acesso em: 3 out. 2023.

MALVAR, Antonio Jorge Martins. **Participação das meninas nas aulas de Educação Física: dilemas de um professor no ensino do futsal**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Física em Rede Nacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12987>. Acesso em: 1 mai. 2023.

MARTINS, Dayse Gonçalves. **O desinteresse nas aulas de Educação Física Escolar: Reflexões sobre a prática pedagógica para adolescentes**. 2017. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/20310/1/2017\\_DayseGoncalvesMartins\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/20310/1/2017_DayseGoncalvesMartins_tcc.pdf). Acesso em: 1 mai. 2023

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa [online]**. 2004, v. 30, n. 2 pp. 289-300. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007>. Acesso em: 3 set. 2023.

MORAES, Bruna Caroline Soares Lopes, DIAS, Juliana Rocha Adelino e OLIVEIRA, Rogério Cruz De. Narrativas de gênero na Educação Física Escolar: Scoping Review da literatura científica brasileira nas ciências da saúde. **Educação em Revista [online]**. 2023, v. 39]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-469839104>. Acesso em: 2 jul. 2023.

PAZ, Gabriel Andrade; MAIA, Marianna Freitas. Sexismo nas aulas de Educação Física: a relação entre pluralidade cultural e diferenciação de gêneros. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 10, n. 18, p. 59–65, 2012. Disponível em: <https://erevista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/4810>. Acesso em: 5 mai. 2023.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 8 out. 2023.

SILVA, Tarcísio Augusto Alves da. Condição juvenil, desigualdades de gênero e processos de exclusão nas aulas de Educação Física Escolar. **Civitas – Revista de Ciências Sociais [online]**. 2021, v. 21, n. 2], pp. 344-354. Disponível em:

<https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.37319>. Acesso em: 2 jul. 2023.

SOUZA, Angélica Silva, OLIVEIRA, Guilherme Saramago de e ALVES, Laís Hilário, A pesquisa bibliográfica: Princípios e Fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, p.64-83. 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336/1441>. Acesso em: 3 set. 2023.

SOUZA, Marcela Tavares de, SILVA, Michelly Dias da e CARVALHO, Rachel de. **Revisão integrativa: o que é e como fazer. [online]**. 2010, v. 8, n. 1, pp. 102-106. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>. Acesso em: 3 set. 2023.

TAVASSI, Ana Paula. Chidzinski; RÊ, Eduardo de; BARROSO, Mariana Contreras; MARQUES, Marina Dutra. Equidade de gênero: o que isso quer dizer. **Politize**, 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/equidade-de-genero>. Acesso em: 1 abr. 2023.

UCHOGA, Liane Aparecida ALTMANN, Helena. Educação Física Escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte [online]**. 2016, v. 38, n. 2, pp. 163-170. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.11.006>. Acesso em: 2 jul. 2023.

## ANEXOS

	Altmann	Scott (2017).	Louro (2017).	Bourdieu
--	---------	---------------	---------------	----------

	(2015).			(2002).
Sociedade	[...] corpos de meninos e meninas são educados de forma distinta desde a infância” (p. 37)	[...] o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. (p. 75)  [...] com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, “gênero” tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens” (p. 75)  [...]Embora se afirme algumas vezes que a “ide-ologia de gênero” “reflete” as estruturas econômicas e sociais, há também um	[...] os processos de construção de gênero, raça e classe não só se interferem mutuamente como também não são resultado de uma “imposição unilateral pela sociedade. (p. 108)  [...] não há uma posição única, com-sensual e harmoniosa que a sociedade como um todo supõe ser a adequada para ser transmitida, ensinada ou inculcada. De fato proposições diferentes, conflitantes, muitas vezes contraditórias (entre e intra grupos sociais – ainda que aparentemente homogêneos) estão presentes na sociedade, e podemos correr o risco. (p.108)	[...] a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (p. 18)  [...] a diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho” (p. 20)

		<p>reconhecimento crucial da necessidade de compreender “o vínculo” complexo “entre a sociedade e uma estrutura psíquica persistente. (p. 79)</p> <p>[...] modos pelos quais as sociedades representam o gênero, servem-se dele para articular as regras de relações sociais ou para construir o significado da experiência. (p. 82)</p>		
Escola	<p>[...] o gênero era um marcador social de diferenças extremamente significativo no que se refere as habilidades futebolísticas. (p. 37)</p> <p>[...] sem contemplar tais diferenças, as atividades propostas eram inspiradas em técnicas de treinamento</p>	<p>[...] as escolas estão preocupadas com os processos pelos quais a identidade do sujeito é criada, ambas se centram nas primeiras etapas do desenvolvimento da criança a fim de encontrar pistas sobre a formação da identidade de gênero. (p.</p>	<p>[...] gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são “generificadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a idéia de</p>	<p>[...] Inúmeros ritos de instituição, sobretudo os escolares ou militares, comportam verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris. (p. 95)</p> <p>[...] A Escola, mesmo quando já liberta da tutela da Igreja,</p>

	<p>profissional, que pouco consideravam as reais necessidades do grupo, em especial das meninas, o que limitava sua aprendizagem” (p. 37)</p> <p>[...] meninas e meninos não apenas eram colocados em oposição, competindo entre si, como se construía uma noção de fronteiras intransponível, que impediam, um ao menos restringiam, a aproximação entre eles e elas” (p. 38)</p> <p>[...] a escola é uma forma fundamental de acesso e promoção da igualdade de direitos. (p. 59)</p> <p>[...] o esporte é um meio de os meninos exercerem domínio de espaço na escola. Percebe-se ainda que as meninas resistiam à dominação masculina por meio de outras atividades que</p>	80)	<p>formação, socialização ou educação dos sujeitos. (p. 103)</p> <p>[...] portanto, não apenas as instituições e práticas explicitamente organizadas com essa intenção, mas, sem dúvida, todas as diversas práticas sociais que “educam” os sujeitos, implícitas na divisão/ distribuição dos espaços físicos e do tempo, na vestimenta, na estética, etc., ou explicitadas nas normas sociais, nas doutrinas religiosas, jurídicas, educacionais ou políticas” (p.108-109)</p> <p>[...] a função da educação - tomada em seu sentido amplo – também pode ser aqui reconhecida: ela é importante peça nesse trabalho de repressão, de desvio ou de estranhamento, em cada um dos gêneros, daquelas características que são</p>	<p>continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal baseada na homologia entre a relação homem/mulher e a relação adulto/criança. (p. 104)</p> <p>[...] de todos os fatores de mudança, os mais importantes são os que estão relacionados com a transformação decisiva da função da instituição escolar na reprodução da diferença entre os gêneros[...] (p. 107)</p>
--	---	-----	--	--

	<p>não as esportivas, como jogos musicados, pular corda. (p. 76)</p>		<p>atribuídas ao outro” (p.114) [...] as práticas educativas atuais e passadas poderiam ser questionadas de um modo novo, possivelmente mais subversivo. Talvez assim fôssemos mais capazes de descobrir relações até então não percebidas ou de rever processos “generificados” (e até agora inquestionados) de produção de sujeitos. (p. 127)</p>	
<p>Ações de resistência</p>	<p>[...] mulheres têm contestado convenções e legislações, têm desafiado dúvidas que as assujeitam, contradizendo certa percepção de seus corpos como menos capazes, menos hábeis corporalmente. (p. 42) [...] a inserção feminina no meio esportivos, apesar de não significar o desaparecimento definitivo do domínio masculina, indica o grau</p>	<p>[...] padrões cambiantes de emprego podem levar a novas estratégias matrimoniais e a diferentes possibilidades de construção de subjetividades, mas eles também podem ser vividos como novas arenas de atividade para filhas e esposas obedientes” (p. 92) [...] nós só podemos escrever a</p>	<p>[...] uma origem comum nesses grupos, que se remontaria aos movimentos sociais de contestação das décadas de 1960-1970. Nessa época, no Brasil e internacionalmente, a presença feminina é maciça nas manifestações estudantis, no movimento operário, nas lutas políticas e sociais. Mais do que isso, as mulheres passam a expressar publicamente uma luta específica, feminista, que, se</p>	<p>[...] é contra estas forças históricas de des-historicização que deve orientar-se, prioritariamente, e, uma iniciativa de mobilização visando repor em marcha a história, neutralizando os mecanismos de neutralização da história. Esta mobilização marcadamente política, que abriria às mulheres a possibilidade</p>

	<p>em que esse domínio começa a ser combatido. (p. 90)</p>	<p>história desse processo se reconhecem os que “homem” e “mulher” são, ao mesmo tempo, categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendent e. Trans-bordantes, porque mesmo quanto parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas” (p.93)  [...]  Esta nova história abrirá possibilidades para a reflexão sobre atuais estratégias políticas feministas e o futuro (utópico), pois ela sugere que o gênero deve ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de</p>	<p>não era nova, apresentava-se agora, em razão de toda a conjuntura internacional, com uma força e organização que lhe garantia”  [...]  feminismo que renasce nos anos 60 também traz muitas dessas marcas, [...] ali se poderia perceber carnaval e euforia, desen-canto e desejo de transformação. As construções teóricas que se seguem e se articulam a esse movimento social trazem também muito da decepção com as “grandes” teorias, por sua ausência de resposta às questões feministas” (p.109)</p>	<p>de uma ação coletiva de resistência, orientada no sentido de reformas jurídicas e políticas, opõe-se tanto à resignação a que encorajam as visões essencialistas (biologistas e psicanalíticas) da diferença entre os sexos quanto à resistência reduzida a atos individuais ou a estes happenings discursivos sempre recomeçados que preconizam certas doutrinas teóricas feministas: estas rupturas heróicas da rotina cotidiana, como as "parodie performances" tão caras a Judith Butler, exigem, sem dúvida, demais para um resultado muito diminuto e demasiado incerto” (p. 7)  [...]  movimento</p>
--	--	--	--	--

		<p>igualdade política e social que inclua não somente o sexo, mas também a classe e a raça. (p. 93)</p>	<p>feminista não deve mais deixar-se encerrar apenas em formas de luta política rotuladas de feministas, como a reivindicação de paridade entre os homens e as mulheres nas instâncias políticas: se elas têm o mérito de lembrar que o universalismo de princípio que postula o Direito Constitucional não é tão universal quanto parece — sobretudo por só reconhecer indivíduos abstratos e desprovidos de qualificações sociais —, estas lutas correm o risco de redobrar os efeitos de uma outra forma de universalismo fictício, favorecendo prioritariamente e mulheres saídas das mesmas áreas do espaço</p>
--	--	---	--

				social que os homens que ocupam atualmente as posições dominantes. (p. 139)
--	--	--	--	--